A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (Beldemonio); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; M. de Assumpção; Marcellino Mesquita; P. dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor etc.

SUMMARIO

A ESTATUA EQUESTRE DO TERREIRO DO PAÇO

CHRONICA

A Chronica podia dizer que está enregelada, com a epiderme violacea e os membros tolhidos, diante d'este sol de novembro, que brilha e não aquece, diante d'esta esplendida scenographia da Natureza, onde o pincel do Supremo Artista pinta ao mesmo tempo ceus limpidos de primavera e blocos de neve invernal, auroras luminosas como sorrisos de virgem e noites siberianas, com ceus nublados côr de chumbo velho.

Mas para que ha de a Chronica repetir uma cousa que é natural, naturalissima, que o dia de Todos os Santos traz comsigo, d'envolta com o magusto legendario, e com o lombo de suino assado ao espeto no fogo crepitante da lareira?

Para admirar seria que á noite, pelas ruas monotonamente symetricas da Baixa, não corresse um arsinho gelado, de fazer intumecer as palpebras e lacrimejar os olhos, um frio cortante como laminas de Toledo, d'estes que zombam das pellissas, das luvas de castor e das sobremezas copiosamente regadas com bebidas de guerra, pedindo *édredon* tepido no leito e botija d'agua a ferver aos pés.

Que, em boa verdade, as estações andam invertidas e loucamente irrequietas de ha uns tempos a esta parte. As mais das vezes vem o calor quando se espera o frio, caem aguaceiros quando a folhinha falla de dias estivos, desencadeiam-se tempestades medonhas quando se esperavam atmospheras azuladas e crystalinas. Não ha thermometros que regulem, almanachs que inspirem confiança, predicções que se realisem, astrologos que se entendam, calculos que valham, vaticinios que se cumpram. Anda tudo fóra dos eixos, sem norte, nem rumo, nem juizo, nem orientação, á mercê do acaso. Dir-se-ia que o idiotismo dos habitantes da terra contaminou as regiões desconhecidas e insondaveis do azul; que a tolice humana se evolou pelos ares como um gaz subtil, desordenando os serviços atmosphericos e perturbando a doce quietação do ether. A indisciplina não lavra só cá por baixo, na politica e nos costumes; alastra-se tambem lá por cima, por esses vastos palacios aereos, feitos de nuvens e illuminados a constellações diamantinas, onde vive Eólo, o patusco, doidejando com Bóreas, o libertino noctivago.

Um bello dia, quando menos o esperarmos, apparece-nos ahi dezembro todo enfeitado e garrido, desafiando abril em auroras luminosas e noites estrelladas. O sol do Natal terá reflexos quentes, e á sahida da Missa do Galo deparar-se-nos-ha um ceu esplendido de primavera, quando julgarmos apanhar o osculo de um forte aguaceiro d'inverno, que nos enregele até á medula dos ossos. Se anda tudo doido!...

E para que tudo participe d'esta loucura terrivelmente contagiosa, até o cholera houve por bem endoidecer á ultima hora, em Ayamonte e na ilha Christina, debruçado sôbre o Guadiana tortuoso, ao mesmo tempo em que o nobre marquez de Vallada enlouquecia na «Braccara Augusta», melancholicamente reclinado sobre a urna, contando os votos da eleição municipal perdida.

Quando ninguem já fallava do bandido asiatico, quando a tropa, friorenta e descuidada, principiava, muito socegadamente, a encolher cordões na fronteira, quando o sr. ministro do reino começava a passar noites bem dormidas, sem ter, em sonhos terriveis, a visão sinistra de cholericos verde-negros, e o sr. Manuel d'Assumpção havia já deposto, a um canto da sua alcova, a chapa metallica preservativa, que lhe andou collada ao abdomen durante toda a estação calmosa, eis que o monstro se lembra de nos bater á porta, ameaçando o misero Algarve com os punhos cerrados e os olhos chammejantes de raiva.

Isto no pino do inverno, em vesperas das inquietações profundissimas que nos traz o despertar do dia 25 de novembro, a dois passos da renda das casas e das noites de chuva torrencial! Digam-nos se pode haver maior disparate e mais inaudito desaforo!...

Depois, este acto de loucura do cholera, imprevisto e subitaneo, podendo affectar o paiz em geral e o Algarve em particular, affecta muito especialmente os *dilettanti* do nosso theatro lyrico, que ficarão talvez sem a Patti, depois de haverem antegozado em sonhos os seus gorgeios formosissimos.

A diva, que soube affrontar com uma coragem mascula o ruidoso escandalo do divorcio, não se atreve a pizar com os seus delicados pésinhos o solo inficcionado da peninsula, e declarou já que não vir'a visitar-nos emquanto nos ameaçasse o cholera.

Entrementes o flagello não desapparece e a gentil *prima-donna* não chega com o seu reportorio de rondós e cavatinas, iremos arrastando penosamente esta vida de receios e de sustos, vendo moer e remoer no almofariz da imprensa chocalheira uns boatos de crise ministerial sempiterna; assistindo hoje ao espectaculo patusco d'umas eleições camararias em que o governador civil de Braga poz a nota comica do mais supino ridiculo; preparando-nos para assistir amanhã á eleição de senadores, que terá o cunho de todas as eleições indigenas, com os mesmos processos, com os mesmos defeitos inherentes a este meio corrompido e infecto.

Quem fôr philosopho e pouco dado a pueris temores, irá á noite ouvir a *Carmen*, a saudosa *Carmen* de Bizet, ou namorar embevecido, no Colyseo, a trança loira e incommensuravel d'aquella gentilissima creança que faz prodigios de equilibrio sobre um arame fragil e que aristocratiza os trabalhos do circo com a sua luva de seda azul, correcta, enroscando-se-lhe em pequeninas prégas ao pulso franzino e delicado.

Quem dispozer d'uma dóse soffrivel de espirito e bom senso, põe de parte os acontecimentos do Porto, o acto de indisciplina praticado a bordo da *Mindello*, as crises ministeriaes, as reuniões do conselho de ministros, a questão pouco edificante das graduações militares á guarda fiscal, as portarias de louvor conferidas ao nobre vencido de Braga, — todo esse amalgama de factos grotescos que por ahi provocam os beliscões quotidianos da chronica — ri-se, diverte-se, e procura nas salas illuminadas dos theatros o aroma inebriante da Arte, como antidoto ás emanações pestiferas que se exalam da politica parvoneza.

E já que fallou vagamente de theatros, a Chronica não pode deixar de referir-se a um amabilissimo convite que acaba de receber, impresso em setinoso cartão Bristol, e concebido n'estes termos:

«*Henrique Lopes de Mendonça*

Roga a v. o obsequio de assistir á leitura do seu drama «*O Duque de Vizeu*».

Deus louvado, appareceu emfim um drama original portuguez, ou antes, apparecem-nos dois, porque ao nome sympathico de Lopes de Mendonça junta-se o de outro dramaturgo poeta não menos distincto, — Abel Acacio — que acaba de fazer, ante o applauso enthusiastico d'ouvintes illustres, a leitura da sua nova peça em 5 actos e em verso, *Germano*.

E' de crer que as emprezas dos nossos theatros, affastem dos seus palcos os trabalhos conscienciosos d'estes dois talentos d'eleição.

Nem por isso a Chronica deixará de desfolhar flores aos pés de Lopes de Mendonça, e de curvar-se respeitosa na passagem de quantos dramaturgos novos vierem offerecer á critica e ao paiz as lucubrações luminosas do seu espirito fanthasista.

CASIMIRO DANTAS.

HISTORIA DA LEGIÃO PORTUGUEZA

A ORGANISAÇÃO

E' quasi desconhecida a historia d'estes bravos soldados portuguezes, que, forçados a servirem longe da sua patria, e talvez contra os interesses d'ella, o que alias não era n'essa occasião facil de apreciar, mantiveram comtudo de um modo notavel a honra da nossa bandeira e a gloria do nosso nome. A politica do governo consistiu por muito tempo em escurecer a gloria d'esses homens, e elles proprios, vendo que estampava uma nodoa na sua carreira esse tempo em que tinham gasto o melhor do seu sangue, e em que tinham affrontado innumeros perigos para defenderem, senão directamente a sua patria, pelo menos o bom nome d'ella, foram deixando cair no esquecimento a gloria incontestavel com que tinham illustrado o seu nome nas guerras mais famosas do seculo XIX.

Tudo isso concorreu para que ficassem no esquecimento os feitos d'esses nossos heroicos e infelizes compatriotas. Pois nunca houve esquecimento mais injusto. Cumpriram esses bravos nobilissimamente o seu dever, como o tinham cumprido antes os que tinham ido pelejar nos campos do Roussillon. Estes, obedecendo ás ordens das auctoridades legitimamente constituidas, tinham ido combater a França por uma causa que não era portugueza, servir os caprichos de um governo estulto como era então o de Hespanha, e de um governo egoista como era o de Inglaterra. E, emquanto nos exhauriamos de forças para combater no Roussillon em proveito dos hespanhoes, e para combater no Atlantico em proveito dos inglezes, a nossa marinha mercante era arruinada pelos corsarios republicanos, pois que as forças navaes com que deviamos protegel-a estavam servindo na Mancha ás ordens do almirante Howe, a proteger o commercio britannico! e as nossas colonias eram occupadas pelos inglezes com pretexto de que não tinhamos forças militares bastantes para as defendermos contra qualquer ataque imprevisto, em razão de se achar a flor do nosso exercito a derramar o seu sangue nos Pyreneus, por uma causa que em nada nos interessava!

Portanto, não houve campanha mais anti-patriotica, mais absurda, mais nefasta aos nossos interesses do que foi a guerra do Roussillon. Devemos por isso taxar de immerecida a gloria que adquiriram os nossos soldados n'essa aspera campanha? Não, de certo, porque os soldados não discutem. Cumprem as ordens que recebem, combatem nos campos de batalha que os seus chefes lhes designam, pelejam em torno da sua bandeira, e essa bandeira vae para onde a mandam aquelles que teem a responsabilidade de dirigir os destinos nacionaes. Desgraçado do exercito que procedesse de um modo diverso, que não quizesse dar um tiro, sem saber se a causa que lhe mandavam defender era santa e justa, e consentanea com os interesses do paiz! A indisciplina tornaria em breve esse exercito o instrumento fatal da ruina da patria.

O que fizeram pois os soldados da legião portugueza? Obedeceram aos seus chefes. Imagina-se por acaso que a invasão de Junot foi uma invasão? Não foi. Exalta-se muito a audacia do exercito francez, e deplora-se a covardia dos Portuguezes. E'-se perfeitamente injusto. Vejâmos os factos.

O governo de Lisboa, pela sua detestavel politica, fingia estar de accordo com o imperador dos Francezes e protegia debaixo de mão os interesses da Inglaterra. Mas o que é certo é que, ostensivamente, tomava até medidas rigorosissimas contra os subditos do rei Jorge. Mandava-os sair de Portugal em curto prazo, e confiscava-lhes os bens. Difficilmente podia o reino, que não estava no segredo da politica do gabinete da Ajuda, deduzir d'aqui outra coisa que não fosse a plena adhesão do governo portuguez ao bloqueio continental e ao pensamento napoleonico

Annuncia-se entretanto a apparição na fronteira de um exercito francez. Ninguem de certo o poderia considerar senão como um exercito alliado, que vinha dar força ás determinações rigorosas do principe regente contra a Inglaterra. O tratado de Fontainebleau ainda não era conhecido em Portugal. Mas, para dissipar todas as duvidas, se as houvesse ainda, veio a proclamação do principe regente, ao partir para o Brazil, ordenar a todos os fieis Portuguezes que tratassem como amigos os soldados de Napoleão. Eram amigos, mas fugia d'elles? O que se dizia era que estava coacto, que o levavam prisioneiro de guerra os Inglezes, e, no meio d'esta confusão de idéas, ninguem sabia quem eram os alliados e quem eram os adversarios, e Junot atravessava incolume o paiz todo, e chegava a Lisboa com dois regimentos esfarrapados e invalidos, e com elles tomava posse da capital do paiz glorioso, que tinha o seu nome assignalado nas paginas mais brilhantes da historia militar do mundo inteiro.

Mas não ficamos por aqui. Senhor do reino sem dar um tiro, cuidam que Junot procedeu abertamente como conquistador? Não de certo. A regencia, nomeada ao partir pelo principe D. João, continuou a funccionar ao lado do general francez, sanccionando-o com a sua authoridade perfeitamente legitima todas as ordens que elle queria dar. Mais ainda. Os directores espirituaes d'este povo, então essencialmente religioso, longe de excitar contra os Francezes o sentimento popular, teciam-lhes os maximos elogios, e recommendavam ao povo que os tratasse com a maxima fraternidade.

Era este o espirito e a letra das pastoraes do patriarcha de Lisboa e do bispo do Porto, lidas pelos parochos ás missas conventuaes, e que mais contribuiam ainda para desnortear o espirito publico.

Foi n'estas circumstancias que Junot ordenou a dissolução do exercito portuguez, ou antes a sua refundição n'uma pequena legião, destinada a servir no exercito napoleonico, ao lado de muitos outros contingentes estrangeiros, que ali já militavam.

Que haviam de fazer os soldados e os officiaes portuguezes? Obedecer ás ordens dadas por um governo regular, e legitimamente constituido, reforçadas pelos conselhos dos principaes prelados portuguezes. Deveria ter o exercito iniciado a revolução? Como? Se faltava um centro de resistencia! se faltava um pensamento commum! se faltavam chefes naturaes ao movimento! ao passo que, para reprimir qualquer insurreição militar, havia em todo o reino, já restabelecido de todas as fadigas das marchas, sessenta mil soldados francezes e hespanhoes! Era impossivel, bem vêem.

Seis officiaes generaes e um official superior foram encarregados de organisar a legião: os tenentes-generaes marquez de Alorna e Gomes Freire de Andrade, o marechal de campo D. Rodrigo de Lencastre, os brigadeiros Pamplona, D. José Carcome e Brito Mousinho e o coronel Francisco Antonio Freire Pego. A reducção fazia-se da seguinte maneira: mandavam-se para sua casa todos os soldados casados, e todos os que tinham mais de vinte annos e menos de onze, todos os officiaes que tinham direito á reforma ou que pediam a sua demissão, tendo direito a ella. N'esta ultima hypothese fechavam-se muito os olhos, e em geral concediam-se todas as demissões que se pediam.

Foi assim que muitos officiaes protestaram contra o que se estava passando, foi assim que a insurreição portugueza encontrou depois ainda bons e experimentados officiaes para a reconstituição dos seus regimentos. Occorrem-nos agora o nome de dois officiaes que foram depois brilhantissimos ornamentos do nosso exercito, o capitão Saldanha, que veiu a ser o illustre marechal duque de Saldanha, e o alferes Claudino Pimentel, que depois veiu a ser o famoso brigadeiro Claudino.

Estas ordens reduziam por tal fórma o effectivo de todos os corpos, que foi depois impossivel constituir o numero de regimentos que Junot desejava. A legião compoz-se de oito regimentos, sendo cinco de infanteria e tres de cavallaria, e de uma legião de tropas ligeiras.

O 1.º regimento de cavallaria organisou-se na Luz, com os restos dos regimentos de cavallaria 1, 4, 7 e 10; o 2.º com os do 6, 9, 11 e 12; o 3.º com os do 2, 3, 5 e 8; o 1.º regimento de infantaria formou-se com os restos dos quatro regimentos da guarnição de Lisboa; para o 2.º e 3.º deram contingentes o 4, 6, 9, 11, 12, 18, 21, 23 e 24; o 4.º e 5.º com os contingentes dos regimentos do Alemtejo e do Algarve. Não só não se conseguiu formar, como Junot queria, um 6.º regimento de infanteria, mas o 4.º nunca chegou a ter senão um batalhão; a legião de tropas ligeiras apenas teve um batalhão de caçadores a pé e um esquadrão de caçadores a cavallo.

Recebeu o marquez de Alorna o commando em chefe das tropas portuguezas, e Gomes Freire de Andrade foi nomeado segundo commandante, chefe de estado-maior o brigadeiro Pamplona, commandante da 1.ª divisão D. José Carcome, e commandante da 2.ª divisão João de Brito Mousinho.

Os coroneis de infanteria eram, pela ordem da numeração dos corpos, Joaquim de Saldanha e Albuquerque, marquez de Ponte de Lima, Francisco Antonio Freire Pego, conde de S. Miguel e Francisco Ferrari, e os de cavallaria Roberto Ignacio Ferreira de Aguiar, Alvaro Xavier das Povoas e marquez de Loulé.

Os chefes de batalhões de infanteria eram Candido José Xavier, Julião Rodrigues de Almeida, Bernardino Antonio Moniz, Julio Francisco Torres, Balthazar Ferreira, João de Tschudy, Alexandre Martigny, Francisco Stuart, e Francisco Claudio Blanc. Este ultimo commandava o batalhão de caçadores da legião de tropas ligeiras. O 2.º batalhão do 5.º regimento de infanteria foi sempre commandado interinamente pelo capitão Alexandre José Beninger.

Os chefes de esquadrão de cavallaria eram D. José Benedicto de Castro, mr. d'Artaise, José Carlos de Sousa, Hermano Braamcamp, e João de Mello. Este ultimo commandava o esquadrão de caçadores a cavallo da legião de tropas ligeiras. Os dois esquadrões do 3.º regimento de cavallaria tiveram por chefes designados David Pinto e Antonio Carlos Cayer, que nunca tiveram despacho. A cavallaria constituia uma brigada commandada pelo brigadeiro D. Manuel de Sousa. Os brigadeiros João Ribeiro de Sousa e Manuel de Brito Mousinho eram chefes de estado-maior da 1.ª e 2.ª divisão.

Assim organisada definitivamente, recebeu a legião portugueza ordem de marchar para Salamanca em principios de abril. Ia começar a sua obscura e menosprezada epopéa.

PINHEIRO CHAGAS.

ADORAÇÃO

(FRAGMENTO)

Eu não te tenho amor simplesmente. A paixão
Em mim não é amor, filha, é adoração!
Nem se fala em voz baixa á imagem que se adora.
Quando da minha noite eu te contemplo, aurora,
E, estrella da manhã, um beijo teu perpassa
Em meus labios, oh! quando essa infinita graça
Do teu piedoso olhar me inunda, n'esse instante
Eu sinto,— virgem loira, ineffavel, radiante,
Envolta n'um clarão balsamico de lua,
A minh'alma ajoelhar, tremula, aos pés da tua:
Adoro-te!... Não és só graciosa, és bondosa:
Além de bella és santa; além de estrella és rosa.
Bemdito seja o Deus, bemdita a Providencia
Que deu o lirio ao monte e á tua alma a innocencia,
O Deus que te creou, anjo, para eu te amar,
E fez do mesmo azul o ceo e o teu olhar!...
. . . .

GUERRA JUNQUEIRO.

O CONTISTA ANDERSEN

O principe dos contistas modernos, Andersen, Hans-Christian Andersen, esteve em Lisboa, em 1864, hospedado em casa do sr. Jorge Oneil.

Andersen era dinamarquez, o sr. Jorge Oneil, pae, é consul de Dinamarca, e a Dinamarca é uma terra de poesia, de tradições, de contos e lendas populares, especie de Veneza em grande, com ilhas que em vez de palacios teem florestas, campinas e praias

Fazia o sr. Jorge Oneil tudo o que podia, e podia muito, para tornar agradavel o viver do seu hospede; e o hospede recompensava-o d'esses extremos de amabilidade em contos capazes de fazerem estalar de riso todas as corporações de Copenhague.

Era um homem magrissimo, muito alto, suavemente sonhador, *esquisito* como diz o povo, de olhos meio fechados, expressão alegre e boa, celebrório, feio, comprido e estitico de mais, mas que, a poder de singeleza e sem embargo da fea'dade, tinha um quê de sublime.

Quando fazia annos festejavam lhe o anniversario, lá na terra d'elle, como se fôra uma solemnidade nacional. Iam desfilar todas as corporaçõès com musica e bandeiras por diante da casa onde elle morava, e onde o rei e o principe chegaram a ir comprimental-o, saudando no poeta o homem mais celebre do paiz, mercê dos seus contos, — dos seus contos, e mais nada; pois!

Filho de gente humilde e pobre, uma avó d'elle era empregada em tratar das flores do jardim do hospital dos doidos.

Costumava elle ir vel-a quando era pequeno, e entretinha-se muito a olhar para os doidos que andavam a passear no pateo. Punha-se á escuta para os ouvir conversar, entre curioso e assustado, e, enchendo-se de animo, lá se atrevia a approximar-se-lhes, no intento de escutar bem tudo o que dissessem e não perder uma palavra que fizesse falta no fio d'aquellas historias d'elles; aventurando-se ás vezes a acompanhar os guardas até aos quartos de grades onde estavam fechados os doidos furiosos.

Conta elle mesmo que havia um corredor muito comprido com quartos de um lado e do outro, no hospital; e que, de uma occasião em que o guarda voltou costas, elle se pozera de joelhos a espreitar pela greta da porta, e vira uma mulher meia nua, estirada em cima da palha, com os cabellos soltos pelo corpo abaixo, a cantar com uma voz maviosa, e que, de repente, a mulher se atirou á porta, abriu o postiguinho por onde costumavam passar-lhe a comida, olhou para elle fixamente, e estendeu um braço muito comprido, tão comprido que elle chegou a sentir as unhas tocarem-lhe o fato e largou a gritar com quanta ancia tinha.

Era dado a medos subitos; nunca, emquanto menino, saío de casa depois das ave-marias...

Ruas em que houvesse arvores, logo se lhe afliguravam estar a ver procissões de gigantes...

Em se pondo o sol logo elle ia para ao pé da cama, e, ahi, muito esperto, principiava a ideia a trabalhar-lhe, e a crear uma enfiada de figurinhas fantasticas, que viviam familiarmente com elle; com elle, que ficava todo a tremer...

Foi essa disposição para os sustos o tormento de toda a sua vida, segundo dizem. Em estando n'uma altura qualquer, – não era preciso grande coisa, bastante um terceiro andar,—davam-lhe vertigens.

Tem-se falado por muitas vezes, em Lisboa, dos terrores vagos, supersticiosos, nervosos, de um dos talentos mais illustres de Portugal, e que, como quasi toda a gente prendada pela natureza com extraordinaria imaginação, tem aprehensões e medos subitos, querem dizer que, principalmente, com respeito a gatos... O que admira? Não se conta, do Andersen, que tendo ido de Dinamarca á Suissa para visitar um amigo, não se atreveu a entrar em casa d'elle e estacou á porta, porque ouvisse uivar um cão, partindo n'essa mesma noite para Nice, onde o amigo teve de ir visital-o a elle?

Quando aos quatorze annos foi de Odenséa para Copenhagne, onde não conhecia ninguem, levava uma carta para uma bailarina, que o poz na rua tomando-o por doido. Foi d'ali direito ao emprezario, pediu-lhe para o escripturar fosse como fosse, no que o emprezario não quiz consentir por modo nenhum, com o achal-o muito magrinho.

—Magrissimo! dizia lhe. E' magro de mais, meu rico amigo! Nunca se viu uma coisa assim!...

Chegou a entrar no Conservatorio para aprender a cantar. Mas, passados seis mezes, começou a mudar a voz, e o director mandou-o embora, dando-lhe por conselho o deixar-se d'aquillo...

Ainda, todavia, appareceu uma vez em scena.
Foi n'uma dansa.
Fazia de demonio
O nome d'elle figurava no cartaz...

«O meu nome em lettra redonda! diz elle. Que acontecimento na minha vida. Figurava-se-me isso como uma garantia á immortalidade. Não podia pensar n'outra coisa. Levei para casa o abençoado programma do espectaculo, e, deitado, lia, relia, o meu nome.—o meu nome, impresso! Que extase!»

Pouco depois, foi admittido a cantar nos coros, apparecendo ora de pastor, ora de guerreiro, e entretendo os ocios em compor tragedias, que ia passando gravemente para as mãos do emprezario, que apesar de as não querer para nada, acabou por gostar d'elle, e alcançou-lhe não só uma pensão mas o frequentar escolas gratuitamente.

N'isto, fez o Andersen o seu primeiro conto, que veiu a ser traduzido em todas as linguas, e lhe deu entrada nos salões, mercê da curiosidade que havia de vêr o auctor.

De conto em conto se popularisou, alcançando, quando tinha já vinte e tres annos, entrar, dizem uns para uma escola popular, outros, para a Universidade.

Foi a bordo de um vapor, que eu tive a honra de ser apresentado a Andersen pelo sr. Jorge Oneil. Figura-se-me estar a vêl-o, quando elle me estendeu uma excellente mão, não só respeitavel pelo muito e muito bom que escreveu, porém, tambem, pelas avantajadas proporções que tinha. A sinceridade da expressão d'aquelle homem, um quê infantil, generoso, bom, que transudava em bello uma figura, que, se não fôra o talento, haveria dado n'um feio descommunal, o sorriso amavel, o brilhar da graça nos olhos, a modestia das suas maneiras, tinham o poder phantastico de um encanto.

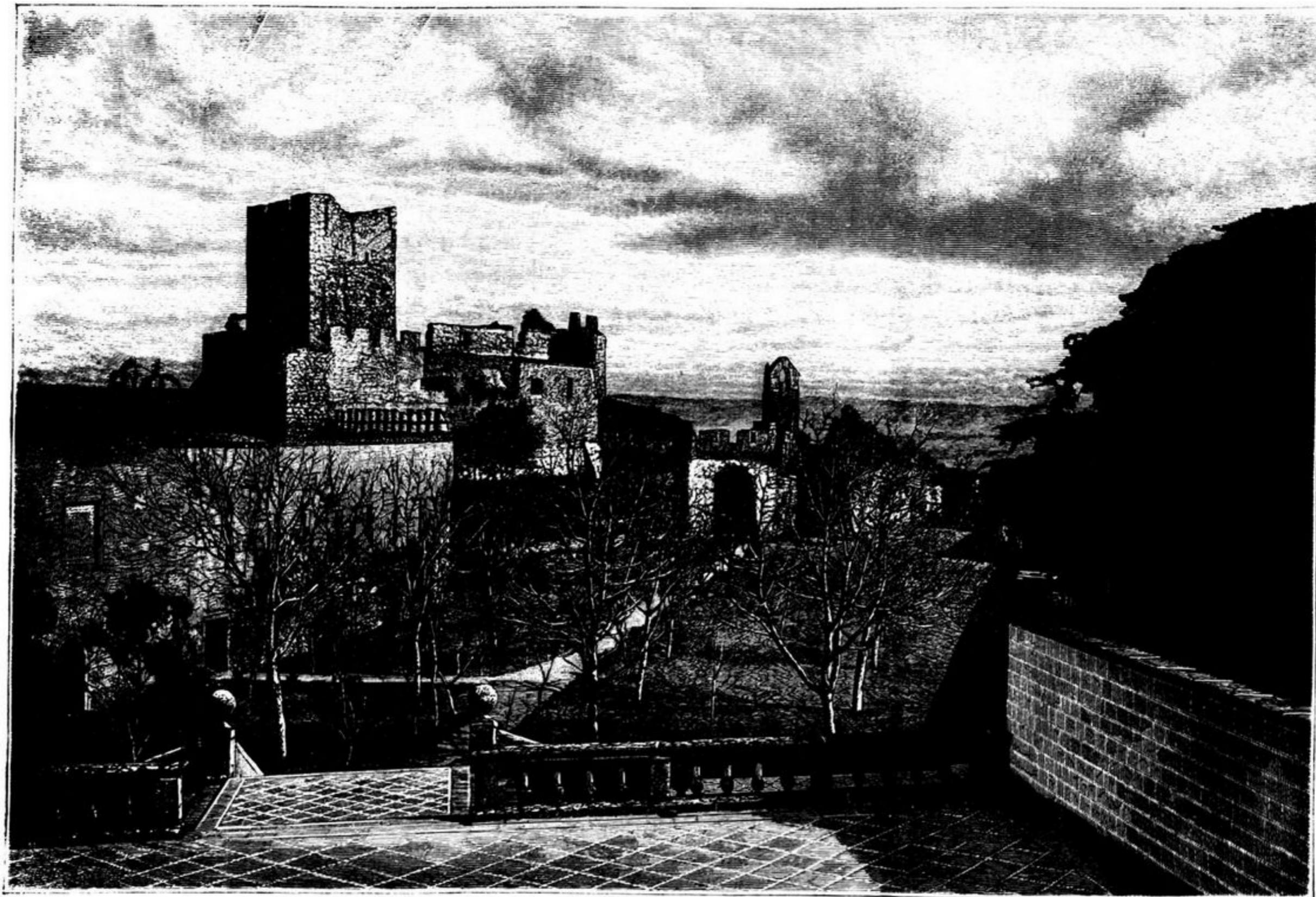
O que principalmente o distingue como contista, é o meio tom ora alegre, ora melancolico. As suas historias mais engraçadas não fazem rir, mas sorrir: n'esta differença vae o melhor do seu talento: a delicadeza, o gosto.

No trato intimo era, segundo contam os que o conheceram familiarmente, o que se chama um brincalhão.

Uma senhora, que se deu muito com elle e o estimava com o apreço fanatico de uma admiradora, contou-me que não havia maneira de estar serio, quanto mais de estar triste! ao pé d'elle. Tirava partido de tudo quanto parecesse mais simples; quando a familia de um relojoeiro, que fallecera, teve a lembrança de lhe encommendar um epitaphio, mandando-lhe dizer que levasse o preço que quizesse, mas se despachasse com obra de dar na vista, elle rabiscou logo a composição que se vae lêr, e enviou-a dizendo que não tinham que pagar nada: «—Aqui jaz, fulano, horisontalmente. Foi a integridade mola real de sua vida e a prudencia regulador de suas acções, só deixando de obsequiar quem não tivesse a chave do que elle valia. As horas se lhe deslisaram por um mostrador de prazeres, até que um minuto fatal lhe pôz termo a seus movimentos, enviando-o para a eternidade a fim de ser limpo e concertado.»

O primeiro livro que publicou intitulava-se *Passeio a Amack*. Extinguiu-se a edição; e o rei da Dinamarca deu-lhe um subsidio, para que podesse ir viajar pela Europa.

Quando publicou os seu contos reunidos n'um volume, viu-os accolhidos com frieza, ao principio, e cahiu de cama, com febre, por causa d'isso. Depois, logo que se sentiu melhor, fugiu para o Oriente, «paiz dos seus sonhos» como elle proprio o confessa, paiz dos contos, patria phantastica d'aquelles temperamentos scismadores...

Na volta foi pela primeira vez á Allemanha e relacionou-se ali com o Tieck e o Chamisso, poetas e escriptores celebres. Não era allemão este ultimo, como muita gente pensa, e sim de origem franceza; viveu, porém, em Allemanha d'esde muito moço, e n'esse paiz se tornou conhecido. Foi elle que traduziu em allemão o Béranger. Já me disseram que ha ainda parentesco da familia Chamisso, do Porto, tão conhecida em Lisboa, com um litterato allemão do mesmo appellido. Ignoro se é esse que tem mais um *o*, Chamissoa, litterato e sabio, botanico celebre. Ha quem escreva, tratando dos nossos compatriotas d'este nome, Chamiço; mas tenho á vista um bilhete do sr. conselheiro

CASTELLO DOS TEMPLARIOS EM THOMAR

Francisco de Oliveira Chamisso, em que o seu nome vem escrito da maneira que acaba de lêr-se.

Inculcam alguns biographos que foi o poeta Œhlenschlœger, quem alcançou para o Andersen a pensão do rei; elle dizia, que, ao empresario, em compensação de lhe não querer as tragedias — entre outras uma chamada *Ashaverus*, — é que devera o haver-se obtido isso.

Era um contista de excepção, e, como tal, poeta, nem ha contista a valer sem ser poeta, muito embora faça ou não faça versos. De um grande numero de escriptos seus, — tão grande que ha uma edição de Leipsig, unica completa, que vem apontada no diccionario de Larrousse, que forma 35 volumes — os *Esboços de viagem*, o romance do *Improvisador*, o drama do *Mulato*, uma comedia *Flores da ventura*, o romance *O. T.*, o *Bazar do poeta*, outro romance de costumes dinamarquezes *As duas baronezas*, o que vive ainda, e viverá por muito tempo, são os contos, traduzidos hoje n'umas poucas de linguas e populares em toda a Europa, os contos, que fazem um volume, um só livro, mas esse superior, inimitavel, o primeiro no seu genero, pela grande naturalidade que respira n'elles, a graça como que innocente, a facilidade que não se arremeda, o talento de saber ter feição, individualidade propria, physionomia especial, o condão de se estremar, e de ninguem o confundir com outrem, na narração galante de qualquer historia, que entretenha e alegre o espirito...

Lá se lê nos Luziadas:

> Com que melhor podemos, um dizia,
> Este tempo passar que é tão pezado
> Senão com algum conto de alegria?

Se elles apanhassem os do Andersen, que festa ali não iria! Não são casos velhos Ninguem os inventaria melhor.

Dir-se hiam passarinhos novos, aquellas historias, a espalharem lirios, diamantes, estrellas, figuinhas de creança; alminhas sem malicia a rirem-se para a gente, uma orchestra a cantar, a natureza animada pelo talento, como a dar-lhe, a palavra humana, e saber a linguagem dos cysnes, dos salgueiraes, dos bichos, das aguas, das rosas, e das creanças.

Para ser ordenado contista cumpre fazer voto de singeleza; a santa, divina simplicidade: quanto mais para ser mestre, para ser Andersen, para ser unico!

E' uma litteratura, a dos contos, que brota do pensar nacional e do gosto fino e excepcional de um escriptor; popular não o é, não se póde verdadeiramente dizer que o seja, senão pelo espirito geral, que a anime e rescenda d'ella.

JULIO CESAR MACHADO.

VOZES DAS AGUAS

Por entre o bosque sombrio
N'um alveo estreito e profundo
Gemebundo,
Vae o rio.
—O' meu filho,—diz-lhe a terra,
Porque choras? —Por deixar
Esta serra,
Indo ao mar.
— De opulentos continentes
Vaes gosar as maravilhas
E ver ilhas
Florescentes.
—As ondas no mar, rolando,
São rios que à terra vem,
Suspirando
Pela mãe.
Serei no oceano profundo
Um desgraçado emigrante,
Que anda errante
Pelo mundo.
Os ventos da negra sorte,
Quando me lance no mar,
Triste morte
Me hão-de dar.

*

Attentos escutae as vozes das ribeiras
E dos rios que vão inchados pelo inverno,
Mancebos que quereis partir do lar paterno,
Após uma illusão, ás plagas brazileiras.

A. A. CASTELLO BRANCO.

UM CONTO PHANTASTICO

Quando cheguei a casa do visconde estavam a levantar-se da meza.

Havia muita animação, fallavam todos muito, ao mesmo tempo, com a eloquencia torrencial das sobre-mezas fartas regadas com bellos vinhos generosos e antigos.

A viscondessa sahiu da casa de jantar pelo braço do Baptista, e ria estonteadamente com as boas historias que elle lhe contava, agitando muito a formosa cabeça loura nos paroxismos da hilaridade. Elle tinha o ar contente e alegre de quem se sente em veia, e não deixava respirar um momento a sua interlocutora: as graças succediam-se sem interrupção, era uma catadupa de bons ditos, um moinho de phrases espirituosas, e a viscondessa já não podia com tanto rir, estava doente, offegante, anniquilada pela convulsão nervosa das gargalhadas teimosas e successivas.

Os outros grupos não iam menos alegres.

Tinha-se jantado bem. Em casa do visconde janta-se esplendidamente. No ar andavam synthetisados n'um aroma confuso, em que dominava o cheiro acre e penetrante do ananaz, todos os varios perfumes dos assados, dos fricandós, dos vinhos velhos, do café legitimo moka, das tangerinas, dos morangos e dos pecegos que se mostravam provocadores, nas fructeiras de Saxe, com os seus tons avelludados de cutis juvenis.

Estava-se no verão, e os dias abusavam do seu direito de ser grandes.

As sete horas estavam quasi a cahir, mas o sol estava ainda de pé.

Foi-se passeiar para o jardim. As gargalhadas estouravam n'aquelle ar impregnado dos perfumes com que as flores se despediam: as rosas, já raras, que vermelhejavam por entre as latadas verdes, eram arrancadas dos seus troncos espinhosos e vinham contentes pôr uma nota alegre nos cabellas finos das meninas, nos *corsages* elegantes das senhoras, nas *boutonnières* dos casacos dos cavalheiros; os malmequeres começavam a servir de oraculos facetos nas mãos brancas dos namorados idylicos, e eu comecei a ouvir triste, desconsolado, cheio d'um profundo arrependimento de ter posto ali os meus pés, e d'uma encarniçada raiva pelas ruas estreitas e caprichosas do jardim, agarrado por um braço, pelo velho visconde, o dono da casa—a historia singular, antiga e longa, longuissima dos seus felizes amores com a celebre Zanetto, uma celebridade lyrica que canton em S. Carlos logo que se foram embora os sopranistas—poucos annos depois do diluvio universal, segundo a melhor chronologia.

E era com essa a vigesima sexta vez que eu ouvia a historia da Zanetto.

A viscondessa afastava-se do braço do Baptista, quasi morta, rubra, com as faces congestionadas, gritando com a sua voz vibrante, metallica, e cançada de tanto rir:

—Credo! que homem! Não se póde fallar com elle! Tem tanta graça que até faz mal á gente!

A condessa, com as faces gordas, vermelhas pelos primeiros trabalhos da farta digestão, com os olhos negros a chamejarem o fogo intenso d'uns quarenta e sete annos sanguineos, passeiava de vagar, por entre o arvoredo, a passos lentos, pelo braço do Seraphim, o poeta lyrico da provincia, que enxameava os albuns de Lisboa com as suas estrophes sentimentaes, e que tinha umas notas plangentes e doloridas, que faziam ataques de nervos ás senhoras anemicas, quando recitava ao piano, com uma melodia da sua composição, a tragica lenda dos amores infelizes da bella Izaura com o louro Theobaldo.

As filhas da baroneza corriam pelas ruas do jardim com os filhos do conselheiro: a um canto, ao pé da cascata, faziam-se jogos de prendas, e no caramanchão, ao pé da meza de pedra, as filhas do dr. Faustino jogavam com tres primos o jogo dos quatro cantinhos, com grandes gargalhadas estridentes, e ruidosa algazarra.

A noite veiu pouco a pouco descendo lá de cima, lentamente, vagarosamente, como um panno de theatro sobre a apotheose de uma magica.

D'ali a pouco, no fundo esbranquiçado das ruas do jardim, apenas se divisavam os vultos negros dos grupos que passeavam, e o visconde, agarrado ao meu braço, contava-me ainda a historia dos seus amores com a Zanetto, a celebre cantora italiana.

As salas illuminaram-se, o jardim ficou deserto, as notas do piano começaram a dansar pelos echos, e os pares a dansar pelas salas.

Houve contradanças, whists, valsas, jogos de prendas, suecas e versos ao piano.

A' uma hora acabou tudo, e eu sahi sem ter chegado ainda ao fim dos amores do visconde com a italiana Zanetto.

Viemos cinco por ahi abaixo, a pé.

A noite estava esplendida. Da lua escorria uma luz muito branca, muito intensa, que dava uns tons phantasticos ao panorama de Lisboa, que se avistava da lameda de S. Pedro de Alcantara.

Estivemos um momento parados ahi, a contemplar o effeito magico do luar arrancando scintillações argentinas ás aguas tranquillas do Tejo, que dormia além.

Depois separámo-nos, e eu segui Chiado abaixo, só, com o Seraphim.

Ao pé do Restaurant club elle despediu-se de mim; ia ter ali com uns amigos. Mas antes de se ir embora disse-me muito simplesmente, com o tom mais natural d'este mundo:

UMA TRINDADE GALANTE

—E' verdade, menino, eu devo-te duas libras.
—Parece-me que sim. Ha que mezes que isso foi!
—Toma-as lá.
E tirando da algibeira a bolsa, deu-me as duas libras, que eu lhe emprestara havia mais de um anno!

GERVASIO LOBATO

SED NON SACIATA

I

Que me queres esphinge? que mysterio
Ha n'esse olhar profundo como a noite?
Haverá no teu seio amor ethereo?
Ou será elle o mausoleu funereo,
Onde a alma, qual verme, inda se acoite?

II

Filha de Deus ou de Satan! no olhar
Tens a luz do crepusculo e da aurora!
Sente-se n'elle um fogo de inflammar;
Mas logo a flor da esperança se murchar
Como a nuvem do occaso se descora!

III

Esposa do prazer! eu não diviso
Em ti chamma de goso no delirio!
Imaginaste o mundo um paraiso...
Para a illusão perdida tens o riso,
Que vale mais que o pranto do martyrio.

IV

Embalando-te a nuvem da innocencia,
Entre os anjos tua alma adormeceu;
Mas quebrou-se o crystal d'essa existencia
Ao doce osc'lo de amor! e a fina essencia
Evolada nos ares se perdeu.

V

E a flor da illusão resplandecente?
Crestou-lhe o vento o lucido frescor!
Levou-a o mar, a nuvem do Occidente,
Como de Ophelia as flores a corrente!
E condemnaram-te ás galés do amor!

VI

Nem termina teu fado a sepultura!
Se a vida é vaga que se vê rolar,
A' luz d'aurora mais serena e pura,
Correndo a esconder-se em gruta escura
P'ra ir surgir depois em outro mar,

VII

Um dia hão de brotar lyrios mimosos
Da carne do teu seio, oh! corpo amado,
Onde poisam desejos sequiosos!
Borboletas em bandos luminosos
Irão sorver o nectar perfumado!

COELHO DE CARVALHO.

A TRILOGIA DE JOÃO FERNANDES

A VIUVA

No proprio dia em que Fernandes Senior, depois de ter aparado uma penna de pato, tomava a heroica resolução de escrever uma carta ensopada em tinta e gafa de mazellas ortographicas, para o acto de perguntar ao filho se lhe fôra entregue a papelada, João entrou-lhe em casa cabisbaixo, o olhar vago, perdido na abstracção de um pensamento acabrunhante, o tronco herculeo vergado ao meio, como uma arvore lascada pelo raio...

O lavrador que esperava, a troco das trezentas libras sacrificadas em holocausto ao amor paterno, rehaver o rapaz escorreito e são, tal qual elle fôra antes de se haver contaminado na atmosphera pestifera das grandes cidades, caiu das nuvens.

O compadre, chamado a emittir voto ácerca da mortal tristeza em que caira o Joãosinho, suggerira Paris, como a cura radical para todas as affecções provenientes de mal de amores.

O lavrador não demorara nunca o seu pensamento, occupado em cousas uteis e proveitosas, a cogitar no quer que fosse Paris.

Paris devia ser, segundo se lhe representara, depois de ouvir o morgado Trancoso, uma succursal do inferno, com apparentes seducções de paraiso e grande copia de mulheres pintadas, famintas de libras sterlinas, com pés de cabra, bocca de sereia e unha na palma.

Uma abominação, essa talhada do globo em que tanto fallavam os papeis, uma talhada arrancada ao flanco da Gran-Bretanha, segundo asseverava doutoralmente o mestre escola, onde o sr. de Bismarck, conforme lera nos periodicos, cravara um dia os dentes, gulotonamente.

Mas o morgado receitara, e na sua passiva obediencia aos avisos emanados do oraculo, o lavrador remettera sem hesitar o filho para Paris, como poderia mandar-lhe aviar uma receita de quinino.

Mais tarde, quando elle escrevera a pedir venia para dar o santo nó, Fernandes Senior não podera ter mão no assombro com que releu e tresleu a epistola, custando-lhe a crer no testemunho dos seus olhos.

Lembrando-se do que poderia succeder ao seu João na grande cidade do Vicio: — amores passageiros, encontros fortuitos, despesas accidentaes, conquistas faceis, aventuras, casos, historias, — nunca lhe occorera aquella!

Tudo era licito esperar de Paris, em relação a um doente, carecido dos soccorros d'aquella mundana pharmacopêa, excepto uma tolissima recaida.

Onde lhe prometteram a cura, via elle agravar-se a molestia!

E para isso ordenhara a burra, mujira 300 libras, — o sangue das suas veias! — apartara-se do rapaz, mandara-o correr terras, para afinal o creanço embicar na mesma teima: — o casorio!

Casar com uma franceza, esta não lembrava ao demonio!

E como havia de conversar com a nora, entregar-lhe o governo da caza, a nora, a mãe dos seus netos! — fallando ella uma lingua de trapos, que ninguem na aldeia, ninguem a não ser o morgado e o mestre escola, seria capaz de entender!

Chamado a capitulo, n'essa grave conjunctura, Trancoso opinou que não se devia contrariar o rapaz e que se lhe deviam mandar os papeis.

* * *

D'esta vez, a paixão de João Fernandes,—o amante infeliz—, repelliu, injuriada, a flor azul do devaneio.

Uma violenta saudade de Paris debuxava-lhe na mente o quadro da ceia bacchica, avivado a côres infernalmente tentadoras.

Nunca Fauvette lhe parecera mais bonita, desde que lhe apparecera ebria e impudente, no seu verdadeiro aspecto de cocotte barata, celebrando agapes economicos, em terceiros andares reles.

Envergonhava-se de ter sido ludibriado, mas experimentava ao mesmo tempo um vago e inconsciente desejo de tornar a ser illudido.

Se o pae se condoesse e lhe désse dinheiro, — muito embora elle não ousasse pedir-lh'o —, voltaria a Paris, áquelle divino antro, e passaria pela rua de Caumartin, aquella infernal rua.

Quem sabe? talvez ella o amasse, e, com o andar do tempo, viesse a regenerar-se!...

Mas na lucta infrene d'estes varios pensamentos, na exaltação angustiosa d'este querer e não querer, João Fernandes, em vez de trepar pelas agulhas das serras, para ir, abraçado á guitarra, dar serenatas ás estrellas, desceu á taberna e começou a ensaiar o systema, usado em casos analogos, por varios D. Joões alcoolicos, de assassinar a Paixão a golpes de decilitros.

Fernandes Senior começou a ter saudades do tempo em que via o filho taciturno e pallido, cantar loas á lua, ao vêl-o agora assomar á porta, vermelho, a face congestionada, o riso alvar, gingão, altaneiro, a voz, o olhar e o gesto a transluzir a evidencia da balada londrina: «*He that is drunk, is as great as a king.*»

Effectivamente, João Fernandes, com um grão na aza, tinha a phantasia de um poeta e a hombridade de um rei: por entre a fumarada alcoolica que lhe toldava o cerebro, Fauvette apparecia-lhe, desenhando-se em um fundo translucido, como uma ondina escandinava; pouco a pouco, a visão accentuava-se em contornos tangiveis, uma cabeça loira e maliciosa recortava-se em um nimbo de fogo, e subito, dos braços musculosos do satyro pendia a apaixonada nympha...

Estas miragens arrastavam João Fernandes para o declive da perpetua bebedeira.

No fundo da garrafa morava o sonho, com todas as suas deliciosas voluptuosidades. O acordar, na gelada e aspera realidade, era pavoroso!

* * *

Foi ainda o das Olaias que fez face á crise, alvitrando a opportunidade de casar o afilhado.

Só o facho do hymeneu poderia afugentar as trevas d'aquelle espirito narcotisado.

Fernandes Senior approvou, como sempre, muito embora os

conselhos do morgado começassem a parecer-lhe um tudo-nada discutiveis.

Procurou-se a noiva e achou-se a filha do lavrador da Azoia, uma viuva de saude florescente e carnes exuberantes, trinta annos sorridentes de frescor alpestre e sadio aroma a feno e alegre campo.

A viuva habitava uma herdade, a distancia do povoado.

Uma espessa muralha formada pelos copados ramos dos castanheiros e dos platanos embuscava a casa, onde a viuva escondia os copiosos fructos do seu uberrimo outomno.

Diziam-n'a muito entrada em devoções assiduas: missas periodicas, confissões hebdomadarias, jejuns quinzenaes.

O confessor da viuva, um nedio varatojano, afamado nas missões onde o mulherio vinha cahir-lhe no socalco do pulpito, convulsionado de soluços histericos, pedindo perdão em lagrimas, jantava, aos domingos, na farta e succulenta mesa da herdade. Era elle o unico commensal da recolhida senhora.

O amor, que tem uma queda innata para as Artemisas, muito especialmente se ellas juntam aos dotes phisicos os dotes sonantes, já duas ou tres vezes tentára escalar aquelle baluarte de virtude, atirando-lhe por cima das frondosas ameias, debruadas, na primavera, de flores balsamicas, missivas apaixonadas, impregnadas de doçuras capitosas...

A viuva rejeitara, indignada, esse profano tiroteio: não respondia ás cartas, desfeiteava aquelles que as escreviam, e confessava-se do peccado de as haver lido, castigando o peito e o porte-monnaie, d'onde sahia para a algibeira do padre, por cada carta recebida, uma avultada esmola para missas.

Por aquelle tempo, partira o varatojano para uma missão no Minho.

Trancoso soube do propicio ensejo, e invocando a sua velha intimidade com o defunto, mandou pedir licença á viuva para apresentar-lhe o afilhado.

Realisou-se a entrevista em um domingo do mez de junho.

Pelos roseiraes em flor as borboletas batiam as azas; as abelhas engolfavam-se, zumbindo, nos cachos velludosos da baunilha: os campos ondulavam ao sol, recortando a linha esmeraldina dos comoros, toucados de musgo luminoso e tenro nos longes vaporisados. No fundo do valle, afogado em uma pulverisação de oiro fluido, gemiam as noras docemente; a agua dos açudes cantava no ar, e no alto da collina, bordada de giestas e tomilho, um moinho desdobrava no azul as suas azas brancas...

A viuva, desassombrada da presença do confessor, e talvez secretamente influenciada pelas suggestões da natureza em festa, convidou para jantar o morgado e o afilhado.

Um jantar é um traço de união.

Pela janella aberta em buganville, heras e roseiras, entravam zumbidos e gorgeios...

João Fernandes, aquecendo na intimidade, teve phrases de uma eloquencia superlativa.

A plastica da viuva, modelando em setim preto a sua convexidade esculptural, expungiu de golpe as satanicas reminiscencias da rua Caumartin.

Ao descerem ao jardim para tomarem café e riga, á sombra perfumada de um kiosque bordado de jasmins do Cabo, a viuva colheu uma rosa, e risonha, timida, pudica, como uma virgem, deixou cahir a flor aos pés do enamorado João Fernandes.

* * *

Na vespera do dia aprazado para o ditoso enlace, João Fernandes passou a noite na herdade, prostrado em adoração aos pés do seu novo idolo.

Fallaram ambos do futuro, da sua reciproca felicidade, e de mãos dadas, profundamente commovidos, o olhar confundido, os labios frementes, o coração inundado de ternura, fizeram projectos, interrompidos a espaços por silencios expressivos e infantis puerilidades...

A' meia noite, na occasião de se separarem, a viuva recebeu uma carta que guardou á pressa, retrahindo-se á ultima caricia e occultando na sombra a pallidez cadaverica...

A ceremonia tinha sido fixada para o meio dia.

O padrinho do casamento, o Trancoso, deveria ir buscar a noiva.

Fernandes Senior não cabia em si, ao enfiar pela primeira vez a casaca decretada pelo compadre.

Farto de esperar na egreja, devorado de irreprimivel impaciencia, pungido pelo secreto presentimento de novas desditas, João Fernandes metteu pés ao caminho. Ao chegar á herdade, avistou de longe o padrinho, parado á porta, hermeticamente fechada.

A noiva desapparecera!

Depois de muito interrogado, o caseiro, unica pessoa que ficára de guarda á casa, respondeu, balbuciante, que a senhora mudára de tenção, que fôra recolher-se a um convento, que era inutil procural-a.

Algumas horas depois, soube-se que o varatojano chegára na vespera á noite e partira na manhã immediata.

E assim terminou, para os fastos do amor infeliz, a trilogia de João Fernandes.

GUIOMAR TORREZÃO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Um filho de Noé montou este cavallo com as pernas tortas – 1—2.
Esta quantidade prende este insecto – 2—2.
Nas ovelhas da China ha uma embarcação – 1—1.
O rio que se encontra no navio é um extremo – 1—1.

Ajuda. A. FREITAS

Vogal que, sendo medida, não é prodiga – 1—2.
Sou rio e abafo este fructo—2—1.
Existe no toucador este animal—1—2.

JOAQUIM B. DA MATTA.

O appellido d'esta mulher é cidade da Syria—1—3.

Monforte. DIAS.

ELECTRICAS

A's direitas e ás avêssas dá tinta—4.
A's direitas e ás avêssas é medida—3.
A's direitas, peixe; ás avêssas junto ao chão—2.

Porto. M. M. & M.

EM QUADRO

Nos templos — — — —
Nos templos — — — —
No jogo — — — —
Na Biblia — — — —

EM VERSO

Certo ricasso morreu
(foi uma pena esta morte!)
Era figura na côrte,—1.
mas, n'um banquete que deu,
tanto fez, tanto bebeu,...
—Quem ha que se não entorte?...—
E indo assim passeiar
sósinho, á margem do rio,—2
cambaleou e caiu
sem o poderem salvar.

Vi o enterro passar,
ha pouco, p'la minha frente:
Trens,— nem os pude contar —
Foi uma coisa imponente.

E. PANCADA.

E' só propria para homens
Esta parte da charada: – 2.
Esta segunda, vaes vel-a
Na abundancia figurada.—2.

Gosto eu d'estas charadas,
Divididas em dois lótes;
Mas assim; ellas são proprias,
Do paiz dos Hottentotes.

Com certeza darás credito
A esta parte primeira;—1.
Pois muita gente alimenta
O que diz a derradeira.—1.

Procura, pois, mas com geito,
E droga vês no conceito.

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

EDIFICIO DAS MISSÕES NO GABÃO

LOGOGRIPHOS

(POR LETTRAS)

(Ao eximio charadista de Vizeu, Pequeno Antoninho)

Sou do reino vegetal.............. 1, 4, 5, 3, 2.
Tambem verbo no presente.......5, 2, 3, 4, 1.
Ver me-has em Portugal.......4, 5, 3, 2, 1.
Outro verbo, não igual,......3, 2, 5, 4, 1.
E peixe. Ficas sciente?...1, 2, 3, 4, 5.

Ao valle dá sombras, e doura as campinas. 7, 2, 3, 4, 10.
Occulto nas minas tu podes achar—10, 9, 4, 5.
Bem longe d'aqui, as areias enxutas—6, 9, 8, 9, 1.
Perdidas nas grutas, abysmos do mar.—5, 2, 3, 4, 7, 2.

Ousado, valente e audaz marinheiro,
Em barco velleiro navegas ao vento;
Se em p'rigo de vida te vires um dia
Sabe a serventia de certo instrumento.

Porto. M. M. & M.

PERGUNTAS ENIGMATICAS

Qual é o termo que é: vela de navio, ilha da China, ilha do Oceano Atlantico, villa do Brazil, aldeia do Brazil, bahia do Brazil, lagoa do Brazil, rio da Guiné, e adjectivo mui desejado?

*

Qual é o termo que é: embarcação, fornalha e rio do Brazil?

Evora. A. J. N. Santos.

PROBLEMA

Diga-se a uma pessoa que pense em numeros, menores que 10; que multiplique o primeiro por 2; que junte ao producto 5; que multiplique a somma obtida por 5; que junte a este producto 10; que a esta somma junte o segundo numero; que multiplique esta somma por 10; que junte o terceiro numero ao ultimo producto; que multiplique a ultima somma por 10; que junte a esta somma o quarto numero, e assim successivamente.

Perguntando o resultado obtido, adivinhar os numeros pensados.

Moraes d'Almeida.

DECIFRAÇÕES

Das charadas novissimas: — Jaula—Regata—Poema—Fadario—Casaca—Martello—Alemtejo.

Das charadas em verso: —Cymbalo—Escusagalé—Ajuntamento—Sopapos—Secretaria—Calendario.

Da charada decapitada: —Praia.

Dos logogriphos: —Capello Ivens—Interrogação.

Da adivinha popular: —A lettra O.

Do problema: —Procure-se primeiro um multiplo de 4×5, que dividido por 3, dê um resto egual á unidade; um multiplo de 3×5 que dê egual resto quando dividido por 4; e um multiplo de 3×4, que seja egual a um multiplo de 5 mais 1. Acha-se sem difficuldade que estes numeros são respectivamente eguaes a 40, 45 e 36. Supponde agora que os restos conhecidos são 1, 3 e 4, multiplique-se 40 pelo primeiro resto, 45 pelo segundo e 36 pelo terceiro, e sommem-se estes productos. O resultado obtido, é n'este caso, 319, o qual, dividido pelos numeros 3, 4 e 5, dá os mesmos restos que o desconhecido, como é facil justificar; e como não ha dois numeros inferiores a 60, que divididos por aquelles numeros dêem os mesmos restos, segue-se que 319 é egual a um multiplo de 60 mais o numero desconhecido.

Dividindo pois 319 por 60, obtem-se 19, egual ao numero que se pretendia adivinhar.

AS NOSSAS GRAVURAS

A ESTATUA EQUESTRE DO TERREIRO DO PAÇO

A ideia da construcção d'este monumento foi concebida pelo marquez de Pombal, então simplesmente Sebastião José de Carvalho e Mello, ao principiar-se a reedificação de Lisboa, depois do terremoto de 1755.

O primeiro projecto da Estatua equestre foi feito pelo capitão de engenheiros, Eugenio dos Santos de Carvalho, mas não mereceu a approvação do ministro. Outros projectos se apresentaram ainda, tendo todos egual sorte, até que foi aceite o do architecto Joaquim Machado de Castro.

Feito o modelo da estatua por este distincto artista, com o auxilio de Francisco Leal Garcia, José Joaquim Leitão, João José Elveni e Alexandre Gomes, discipulos de Giusti, encarregou-se Bartholomeu da Costa, tenente coronel director do Arsenal, de a fundir, conseguindo fazel-o de um só jacto. Balthasar Keller foi o fundidor que trabalhou sob a sua direcção.

A estatua, com 24 pés de altura, levou 656 quintaes e meio de bronze. A fundição fez-se no dia 15 de outubro de 1774, em oito minutos; em seguida 83 operarios trabalharam durante quasi seis mezes n'ella, aperfeiçoando o enorme bloco com o cinzel.

A elevação da Estatua equestre operou-se em 20 de maio de 1775, e a sua inauguração teve logar em 6 de junho do mesmo anno, com grande pompa, para celebrar o anniversario do monarcha D. José.

Uma nota digna de registro; o eminente artista Joaquim Machado de Castro morreu pobre, em 1822, tendo por unico galardão um simples habito de cavalleiro.

Bartholomeu da Costa foi recompensado com a patente de general.

CASTELLO DOS TEMPLARIOS EM THOMAR

Este velho castello, de cujas ruinas se podem evocar, ao mesmo tempo, recordações tristes e gloriosas, alegres e sombrias, docemente sympathicas e sinistramente tragicas, é um dos monumentos mais notaveis do nosso paiz.

O castello dos Templarios de Thomar foi edificado por Gualdino Paes. Cada uma das suas pedras é, por assim dizer, a pagina de granito onde atravez da nebrina dos seculos póde ler-se ainda hoje a historia d'uma das mais bellas instituições da Edade Média; por debaixo de cada uma das alas das suas meio derrocadas arcarias parece ainda ouvir-se, como nos dias de grandeza da Ordem dos Templarios, a palavra de senha, compassada e severa, dos graves cavalleiros, que, como a biblica legião dos archanjos, sempre se achavam prestes para o combate; no alto das suas quasi derruidas ameias afigura-se-nos ainda ver desenhar-se, circumdado por uma vaga aureola de santidade e bravura, o vulto marcial dos freires, empenhados n'uma lucta de morte contra os inimigos da cruz, emquanto pela ladeira do monte se precipitam em apressada fuga os esquadrões azarenos de Yusuf Abu Yacub, deixando fluctuar ás brisas do Nabão os seus alvos burnozes.

UMA TRINDADE GALANTE

Tres adoraveis creaturas, qual d'ellas mais encantadora e gentil. Possuindo bellezas differentes, todas tres são realmente formosissimas, tanto a que folheia com indolencia o album, n'uma attitude finamente aristocratica, como a scismadora moreninha que lhe sorri em face, como a deliciosa loira, de epiderme branca e assetinada, que pousa as mãosinhas patricias no regaço, sobre a gaze do vestido primaveral.

Em verdade, não sabe a gente por qual se decida, embora a bella moreninha tenha tido mais votos. São todas tão gentis!...

EDIFICIO DAS MISSÕES NO GABÃO

A nossa gravura representa o edificio das Missões francezas no Gabão.

Os missionarios vivem ali evangelisando os povos d'aquella região africana, e amanhando ao mesmo tempo a terra, com o alvião, com a foice e com o ancinho, como simples jornaleiros.

Os membros da Missão catholica do Gabão ensinam aos seus discipulos todos os trabalhos manuaes. Entre os educandos ha cordoeiros, marceneiros e pedreiros. Alguns teem instrucção bastante para serem bachareis em letras, mas não encontram ali emprego. Acabados de educar, dispersam-se, e vão para Fernando Pó, principalmente, procurar onde possam exercer as suas aptidões. Muitos d'elles sobem até á Costa d'Ouro em procura de empregos retribuidos.

RIO DE JANEIRO — PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO

E' uma das mais bellas da capital do Brazil.

Tem no centro a estatua equestre de D. Pedro I do Brazil, e IV de Portugal, o libertador.

A estatua é magnifica. Representa o imperador no momento em que soltou nas margens do Ypiranga o grito: independencia, ou morte.

Adornam a praça, entre outros sumptuosos edificios, o theatro de S. Pedro de Alcantara, o primeiro do Rio de Janeiro, o hotel dos Principes, o mais luxuoso da capital, e o collegio de S. Francisco de Paula, a primeira casa de educação elementar do Brazil.

A praça está ajardinada e toda cercada de grades de ferro.

E' elegantissima e desafogada, porque todas as casas, que a cercam são de um só andar, á parte poucas, que teem dois e tres andares.

Confluem a esta praça as principaes ruas do Rio de Janeiro,

a da Carioca, 7 de Setembro, Ouvidor, e outras menos importantes.

O Club do Rio de Janeiro, — uma casa esplendida, — forma o fundo da Praça da Constituição.

A RIR

Um pouco d'observação:

—Não julgues nunca um homem pelo guarda chuva que leva.

—Porquê?

—Porque é raro que seja o seu.

*

Entre puristas:

—Ha expressões verdadeiramente pretenciosas. Vê tu esta, e dize-me se ha nada mais ridiculo: *Nadava em ondas de harmonia!*

—Quanto melhor não era dizer simplesmente: *Tomava um banho de sons!*

*

No Café Martinho:

Um deputado da maioria: — Vou publicar os meus discursos em dois volumes.

—Em dois volumes?

—Sim. O primeiro conterá os «*Approvo*» e o segundo os «*Regeito*.»

UM CONSELHO POR SEMANA

ECONOMIA DOMESTICA

DESSERT

DAMPFNULDEN

Tomam-se quatro gemas de ovo, quatro colheres de boa levadura de cerveja, 30 grammas de assucar em pó, uma pequena porção de noz moscada pizada, outra de manteiga derretida e um copo de leite puro. Vão se-lhe juntando pouco a pouco 500 grammas de farinha, até formar uma pasta solida, de feitio oval. Corta-se a massa em rodas de dois dedos de altura, collocam-se em uma torteira e deixa-se estar exposta a um lume brando por espaço de um quarto de hora. Logo que os dampfnulden começam a inchar, põe-se a torteira sobre um rescaldo, e deixam-se cozer até que a massa tome uma côr loira. Deita-se-lhe depois em cima a quarta parte de um litro de leite assucarado a ferver. A massa absorve immediatamente o liquido; depois de bem impregnada de leite, separam-se as rodas e servem-se quentes, polvilhadas de assucar e canella.

UM CASAMENTO

(CONTINUAÇÃO)

—Meu caro, retorquiu-lhe Carlos recostando-se gravemente na poltrona e aspirando com delicias o fumo do seu charuto; tu conheces perfeitamente as minhas ideias ácerca do casamento, que poderá ser uma coisa muito agradavel, muito honesta, muito virtuosa, mas que eu, como sabes, detesto. Escusamos, portanto, de discutir mais.

— Quando um dia te sentires cançado da vida e do mundo; quando a tua existencia começar a entenebrecer-se de sombras profundas e sinistras; quando em torno de ti esta coisa a que se chama sociedade tomar simplesmente o aspecto funebre de um vasto ermo, onde se agitam, convulsionadas em esgares irrisorios, umas figuras grotescas e banaes; quando chegarem para ti essas horas nefastas em que do nosso ser moral como que sentimos extravasar-se um tedio profundo e concentrado por tudo que nos cerca; quando estiveres, emfim, profundamente *blasé*, como eu estou, — então, meu caro, has-de pensar de outro modo, e procurar, na medicina dos carinhos e do amor conjugal, os unicos remedios possiveis para a tua doença.

—Palavra de honra que estás hoje inspirado; mas fica sabendo, meu amigo, que eu tenho o bom senso de não exigir da vida mais do que ella me pode dar. E depois, se um dia chegasse a encontrar-me n'essa situação excepcional que me descreves com tão negras côres, despedaçaria o craneo com a bala de um rewolver, como um inglez atacado de *spleen*, mas não procuraria consolar-me, ajoelhando n'uma adoração beatifica, aos pés de uma mulher banal, no meio das delicias de um *ménage* burguez. Desengana-te: no casamento nunca pode estar a felicidade; quando não está um supplicio, um jugo insupportavel e tyrannico, está, pelo menos, a monotonia. Deves conhecer esta quadra escripta n'um album por Victorien Sardou, se não me engano:

«On s'enlace,
«Puis, un jour,
«On s'en lasse:
«C'est l'amour!»

N'este chistoso calembourg está uma verdade psychologica que ninguem póde contestar.

—Desgraçada argumentação a tua, que necessita recorrer a um *tour de force* do espirito gaulez! Quando o casamento é a união egual de duas almas que se entendem, que sentem as mesmas aspirações e os mesmos desejos, sobredoira-o eternamente a luz crystallina do amor, onde dia a dia vão haurir novas delicias os corpos que se abraçam nas sensasões febris do gozo.

— Tu olhas o casamento apenas na sua primeira phase — a lua de mel. Mas não pensas que depois d'esse amor todo espiritual, que poetisas, vem o amor physico, o amor dos sentidos, e a este succede fatalmente, de parte a parte, a saciedade e o cançasso. Ninguem ha que ignore esta conceituosa resposta de um marido, no reinado de Luiz XV. — Por Deus, meu amigo dizia madame de la Vallière a seu esposo, como essa espada lhe cahe tão mal! Mr. de Richelieu colloca-a de uma maneira muito mais elegante e de muito melhor gosto. — Minha querida, respondeu o duque — ninguem me poderia dizer mais espirituosamente que já somos casados ha cinco mezes! — E o peior ainda é que n'estes casos os *duques de Richelieu* são sempre para inspirar receios aos maridos... Creio que me comprehendes.

—Decididamente és um selvagem com quem se não póde discutir a serio. Calumnias tudo e não crês em nada. No casamento, o amor apaixonado e febril que precede a posse do ente que se ama poderá desapparecer, mas fica, em compensação, esse sentimento delicado e profundo que não é bem amor, mas que tambem não é só amizade, e que protrahe até ao fim da existencia a alegria e a felicidade dos esposos.

—Ha-de ser fresca, essa tal felicidade que assenta sobre as ruinas de uma paixão extincta!... Mas emfim, tu vaes casar, e eu não quero, com as minhas previsões aziagas, embaciar o puro crystal por onde a tua imaginação devaneadora antevê doçuras paradisiacas. A nossa discussão fica adiada para se continuar d'aqui a seis mezes. Se por esse tempo não tiveres mudado de opiniões, eu prometto desde já converter-me á fé que tu professas, como enthusiasmo de um verdadeiro apostolo do matrimonio.

—Está dito, e se cumprires a tua promessa desde já me offereço para padrinho do teu consorcio.

— Para isso fica certo que nunca te hei de incommodar.

E separaram-se.

Decorridos os seis mezes aprazados, o Alvaro, que depois do seu consorcio fôra residir para uma propriedade que tinha no Alemtejo, escreveu ao seu amigo instando-o para que fosse pessoalmente ser testemunha da sua ventura conjugal, e ao mesmo tempo dar começo á promettida conversão. Carlos não se fez rogar, e no dia seguinte partia, decidido a aproveitar-se da generosa hospedagem que lhe era offerecida, não para se deliciar com o espectaculo dos amorosos arroubamentos dos dois noivos, mas simplesmente para se distrahir um pouco da monotonia da capital, e entregar-se a algumas excursões venatorias, divertimento este muito da sua especial predilecção.

Era encantadora a mulher do Alvaro. Havia n'ella um conjuncto de meiguice e de volupia, de timidez e de orgulho que a tornava verdadeiramente adoravel. Sob o ponto de vista da plastica, Margarida, sem que fosse de uma correcção impeccavel, era comtudo bastante formosa, e no seu olhar velludineo e languido, inundado d'essa luz morbida que caracterisa o olhar das creoulas, no oval perfeito do rosto, um tanto moreno, d'onde resaltava triumphante o esmalte dos labios vermelhos e humidos, na graça gentilissima e um pouco *coquette* do seu corpo airoso, de contornos arredondados mas flexiveis e esveltos, havia uma infinidade de attractivos e de encantos irresistiveis.

Ao vêl-a, Carlos, apesar da sua invencivel repugnancia pelo casamento, comprehendeu desde logo como o seu amigo se tivesse deixado avassallar por aquella mulher, realmente tentadara.

Alvaro amava-a com entranhado affecto, sentia-se orgulhoso a seu lado, possuido de uma enlevada ternura, de um carinhoso jubilo, ao vel-a jovial, irrequieta, buliçosa, pondo em tudo que a cercava a nota vibrante da sua mocidade e da sua alegria doidejante e expansiva.

Aquelle lar, onde os dois esposos se embeveciam na contemplação extatica da ventura que os embalava, era o sanctuario mimoso da mais completa felicidade. Nem uma sombra empanava o ceu purissimo onde apenas duas almas pairavam, suspensas nas azas do amor, esquecidas na embriaguez do seu mystico enternecimento.

Testemunha d'aquella ventura sem limites, Carlos ia successivamente modificando as suas opiniões, e o casamento, que até alli se lhe affigurava ser um estado de encadeamento e de tortura, apresentava-se-lhe agora sob um aspecto differente.

Muitas vezes Alvaro alludia, vergonhoso do seu triumpho,

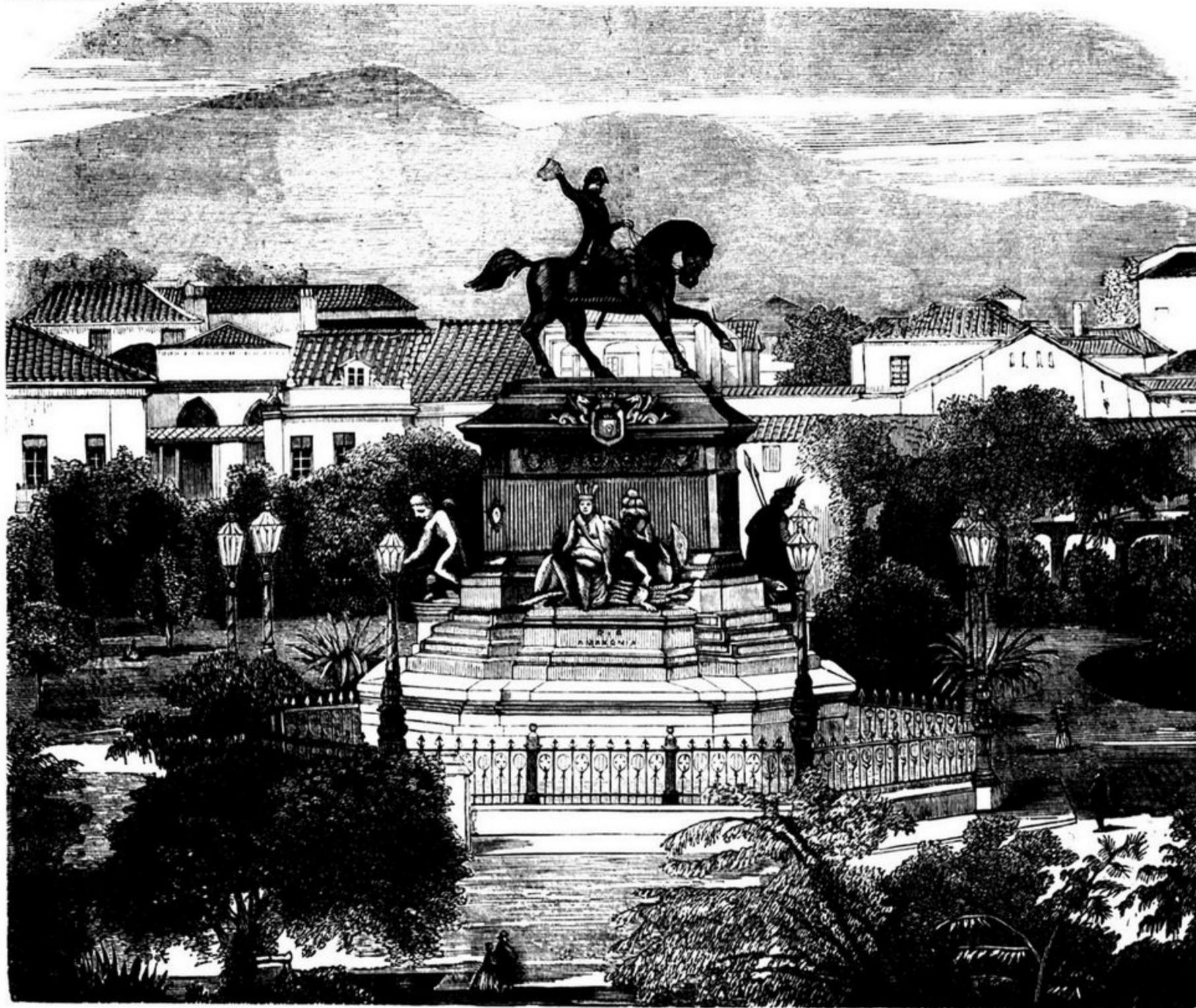
ás antigas discussões, e perguntava ao seu amigo se elle ainda persistia nas mesmas ideias pessimistas ácerca do matrimonio. Carlos respondia-lhe:

—E's incontestavelmente o mais feliz dos maridos, porque tiveste a fortuna, pouco vulgar, de encontrar um anjo que realisou o teu sonho, que te deu a posse do teu ideal.

—Confessas-te, portanto, vencido?...

—Isso não. Distingo o bom do mau casamento—quasi sempre simples questão de acaso, e para este ultimo reservo as minhas opiniões. Digo como Victor Hugo: *Le mariage est un greffe: cela prend bien ou mal.* O peior é que o mais frequente é não pegar o enxerto, e passado o periodo agudo do febre os esposos passarem de amantes a belligerantes.

Ao fim de um mez, quando o inverno principiava a annunciar-se, Carlos regressava a Lisboa, um pouco impressionado pelo quadro de tranquilla ventura d'aquelles dois noivos, cuja existencia era, por assim dizer, uma doce e perfumada caricia de amor. Como eram ditosos! —pensava elle.—Como os seus pensamentos se confundiam no mesmo enlevo delicioso e profundo, como os seus labios se procuravam na ardente soffreguidão dos beijos, como os seus corações se expandiam n'aquella doce alvorada de ternissima bemquerença, cheios de uma confiança illimitada no futuro!

Em Lisboa Carlos principiou a sentir-se aborrecido e inquieto. Operara-se no seu espirito um grande reviramento, que elle, no entanto, se obstinava em não reconhecer. Os prazeres em

RIO DE JANEIRO—PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO

que se engolphava, longe de o distrahirem, inspiravam-lhe apenas um invencivel enfado, e na sua vida, como que se abrira um vacuo profundo, que elle attribuia a muitas causas, menos á verdadeira.

Decorreram assim longos mezes. Carlos diligenciava, por todos os modos, reconquistar a philosophica placidez de outr'ora, aquelle fleugma desdenhoso que lhe era habitual, mas no seu espirito agitava-se um tropel de ideias desencontradas, que o emergiam n'um estado de confuso desespero, e o sangue latejava-lhe n'uma anciedade febril e irrequieta, que augmentava gradualmente, de dia para dia.

Estranhava-se profundamente, sentia-se inteiramente outro. Recordava-se muitas vezes da intima felicidade do seu amigo, n'aquelle lar povoado de miragens encantadoras, e ao vêr-se isolado no mundo, como um navio perdido no alto mar, confessava, mau grado o seu caracter excessivamente individualista, que a felicidade devia existir n'aquellas abençoadas nupcias de duas almas aquecidas pelas irradiações vivissimas do amor.

(Conclue). MAGALHÃES FONSECA.

PEQUENA CORRESPONDENCIA

DUARTE CID.—Será sempre bem vindo, mesmo com bagagem avultada.

EM DIA DE FINADOS:—Como primeira tentativa, os seus quatorze versos não estão de todo maus, e podem quasi chamar-se uma estreia auspiciosa. Todavia, não os achamos ainda á altura de poderem ser publicados. Faça novas tentativas, escolhendo assumpto mais alegre, e não desanime. A todo o tempo é tempo.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brasil	
Anno, 52 numeros....	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso..............	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA